

## NARRATIVAS SOBRE TECNOLOGIAS NA TERCEIRA IDADE: VIVÊNCIAS EM TELETANDEM AUTÔNOMO DURANTE A PANDEMIA

*NARRATIVES ABOUT TECHNOLOGIES IN OLD AGE: EXPERIENCES  
IN AUTONOMOUS TELETANDEM DURING THE PANDEMIC*

Victor César de Oliveira  <https://orcid.org/0000-0001-8034-410X>

Programa de Pós-Graduação em Educação

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Presidente Prudente

victor.oliveira@unesp.br

 10.35572/rle.v25i2.6508

Recebido em 15 de maio de 2025

Aceito em 29 de julho de 2025

**Resumo:** As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), e mais especificamente as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), transformam a sociedade e impactam diretamente o campo educacional. As TDIC, ao incorporarem recursos digitais, ampliam as possibilidades pedagógicas, especialmente no ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras (LEs). Nesse contexto, destacam-se as práticas de Teletandem (Telles, 2006) que promovem o aprendizado colaborativo a partir de interações entre falantes nativos de diferentes idiomas. Embora as pesquisas sobre TDIC e Teletandem tenham se concentrado, em geral, no público universitário jovem, este estudo propõe uma nova perspectiva ao enfocar a participação da população idosa nesse contexto. Tradicionalmente marginalizada e associada a estereótipos de improdutividade, a população idosa vem sendo valorizada por intermédio de iniciativas como a Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) que promove a inclusão em diversas atividades. Por meio de relatos orais, o trabalho, recorte de uma dissertação de mestrado, analisa narrativas de mulheres idosas participantes da UNATI em sessões de Teletandem Autônomo, buscando compreender suas percepções sobre o uso das TDIC na velhice e os significados atribuídos a essas tecnologias.

**Palavras-chave:** Tecnologias. Envelhecimento. UNATI. Teletandem. Pesquisa Narrativa.

**Abstract:** Information and Communication Technologies (ICT), specifically Digital Information and Communication Technologies (DICT), transform society and directly impact the educational field. By incorporating digital resources, DICT expands pedagogical possibilities, especially in the teaching and learning of foreign languages (FLs). In this context, Teletandem practices (Telles, 2006) stand out, which promote collaborative learning through interactions between native speakers of different languages. Although research on DICT and Teletandem has generally focused on young university students, this study proposes a new perspective by focusing on the participation of the elderly population in this context. Traditionally marginalized and associated with stereotypes of unproductivity, the elderly population has been valued through initiatives such as the Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), which promotes inclusion in various activities. Through oral reports, the work, an excerpt from a master's dissertation, analyzes narratives of elderly women participating in UNATI in Autonomous Teletandem sessions, seeking to understand their perceptions about the use of DICT in old age and the meanings attributed to these technologies.

**Keywords:** Technologies. Aging. UNATI. Teletandem. Narrative Inquiry.



## Introdução

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e, de forma mais específica, as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) desempenham um papel fundamental nos avanços e nas transformações da sociedade, refletindo-se também no contexto pedagógico. Segundo Gewehr (2016), enquanto o termo TIC refere-se de maneira geral às tecnologias voltadas à informação e comunicação, o conceito de TDIC abrange especificamente aquelas de natureza digital.

A internet e as tecnologias digitais integram-se de maneira cada vez mais significativa à vida cotidiana, oferecendo uma ampla gama de ferramentas que podem ser utilizadas construtivamente, inclusive no âmbito educacional. Nesse cenário, diversas plataformas online vêm sendo empregadas, também, no processo de aprendizagem de línguas estrangeiras (LEs). Entre as múltiplas possibilidades oferecidas por essas tecnologias, destacamos as práticas de Teletandem e outras formas de telecolaboração, que configuram contextos relevantes para potencializar o ensino e a aprendizagem de LEs.

No âmbito das iniciativas voltadas ao ensino-aprendizagem de línguas, mediado por tecnologias digitais, destacamos a prática de Teletandem, iniciado como um projeto de pesquisa, originalmente intitulado *Teletandem Brasil: Línguas Estrangeiras para Todos* (FAPESP, Proc. 2006/03204-2), cuja proposta consiste em promover um ambiente virtual de aprendizagem fundamentado na autonomia e na colaboração entre os participantes (Telles, 2006, 2009, 2011, 2015). A iniciativa, em sua forma canônica, estabelece parcerias entre estudantes de universidades brasileiras e universidades estrangeiras. Cada participante utiliza sua língua materna (ou de maior proficiência) para, de forma recíproca, favorecer a aprendizagem da língua-alvo do parceiro. Ressaltamos que, atualmente, o projeto tornou-se uma atividade que ultrapassou os meandros da pesquisa, é uma ação consolidada em muitas universidades brasileiras. Em alguns contextos se efetivam em formato de ação extensionista e em outros espaços vinculam-se ao currículo de disciplinas de línguas. Além disso, há inúmeras pesquisas, projetos e ações realizadas a partir da proposta original<sup>1</sup>.

As investigações acerca das TDIC e do Teletandem vêm sendo desenvolvidas desde a emergência desses conceitos no campo acadêmico. Contudo, o presente estudo propõe um novo enfoque nas pesquisas sobre o Teletandem, ao considerá-lo como um ambiente promissor para explorar as potencialidades de um grupo social historicamente marginalizado: a Terceira Idade (TI).

Compreendemos que a população idosa<sup>2</sup>, frequentemente, é subestimada socialmente, sendo associada a estereótipos de improdutividade em decorrência do encerramento de seu ciclo laboral. Frente a esse cenário, diversas iniciativas são desenvolvidas nos campos da saúde pública e da educação visando promover a inclusão e valorização desse grupo etário. Nesse contexto, observamos o crescente retorno de pessoas idosas a projetos em universidades, onde passam a participar de atividades que reconhecem suas especificidades e contribuições, rompendo com concepções reducionistas. Um exemplo notável é a atuação da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), que se dedica à formação e à valorização do idoso em espaços acadêmicos com atividades diversas que envolvam educação, arte, cultura e saúde (De Oliveira, 2022; Moraes-Caruzzo, 2023).

---

<sup>1</sup> Para o aprofundamento no tema consulte o site: <http://www.teletandembrasil.org/>

<sup>2</sup> No Brasil, o Estatuto do Idoso, lei número 10.741, de 1 de outubro de 2003, prevê ser considerado idoso qualquer indivíduo com idade igual ou superior a 60 anos (Brasil, 2003).



Nesse sentido, apresentamos, neste trabalho, um recorte de uma dissertação de mestrado defendida em 2022, a qual teve como proposta a articulação entre dois contextos educacionais previamente mencionados: o Teletandem e a UNATI, no âmbito de uma universidade pública do Estado de São Paulo. O referido recorte focaliza as narrativas de mulheres idosas brasileiras, participantes da UNATI que foram interagentes em sessões de Teletandem Autônomo, visando analisar suas percepções sobre o uso das tecnologias digitais na velhice e buscar compreender as relações ideológicas que esse público estabelece com tais ferramentas.

A modalidade de Teletandem Autônomo corresponde às sessões onde os alunos realizam de suas próprias casas (ou do lugar que desejarem) com dias e horários estabelecidos pelos próprios pares. Deste modo, os aprendizes desempenham papéis mais “autônomos” no processo de aprendizagem. Tal modalidade foi adotada devido à pandemia do coronavírus, momento em que a pesquisa foi desenvolvida.

## 1 Idosos e relações com as tecnologias: perspectivas

As tecnologias digitais exercem um papel ubíquo na sociedade contemporânea, influenciando de maneira significativa os diversos âmbitos da vida social. No entanto, torna-se necessário compreender as formas pelas quais a população idosa se relaciona com essas tecnologias, considerando suas especificidades e experiências. Nesse contexto, diversos autores têm se debruçado sobre a temática da “inclusão digital”. Müller (2012), esclarece que

Inclusão digital pode ser uma forte ferramenta para o engajamento social dessa parcela da população, uma vez que, a dificuldade do manuseio de equipamentos digitais contribui para a desvalorização e consequentemente exclusão do idoso na nossa sociedade. A aprendizagem sobre as tecnologias também pode ajudar na habilidade de resolução de problemas e auxiliar os idosos na adaptação às mudanças que ocorrem nessa fase da vida (Müller, 2012, p. 20).

Ou seja, a falta de acessibilidade digital e a desconsideração do tempo cognitivo, sendo aquele diretamente ligado às redes neurais e que interfere em execuções de processamento rápido (Porto, 2017), podem causar o distanciamento entre os idosos e as tecnologias e contribuem para a perpetuação dos estereótipos e a marginalização deles perante aqueles que “dominam” as técnicas digitais, como é o caso do “meme” “Idosos confusos com a tecnologia”<sup>3</sup>.

Isto significa, também, que a TI se aproxima dos termos “velho”, “obsoleto” e “sem utilidade”, como traz a própria lexicografia. Segundo o Dicionário Online de Português (2025), “velho” é 1) “Que tem idade avançada”; 2) “Que existe há muito tempo, antigo” mas também; 3) “Fora de moda, ultrapassado, antiquado” e 4) “Que é desusado, gasto pelo uso”.

Sobre tecnologias, Alvarenga, Yassuda e Cachioni (2019, p. 386) reconhecem que “construir estratégias de abordagens educacionais para preparar pessoas idosas no domínio operacional dos recursos tecnológicos [...] promover a inclusão do idoso na era digital, são questões importantes que podem gerar intervenções e pesquisas científicas”.

---

<sup>3</sup> Grupo criado em 2019 na rede social *Facebook*. Com quase 200 mil participantes, o intuito do grupo é fazer com que os usuários performem pessoas envelhecidas e produzam textos e imagens constrangedoras e ageistas.



Ao concordarmos com as autoras, compreendemos que a ação desta pesquisa contribui para a promoção, inicial, da inclusão digital na velhice, além da potencialização na aprendizagem.

Em um mundo em que a globalização e a internacionalização são termos basilares de uma sociedade hiperconectada (Bustos Díaz; Martin-Vicario, 2024), vislumbramos um cenário em que as tecnologias, além maximização na aprendizagem, também proporcionam a autonomia dos alunos, visto que, por meio delas, podem ter acesso ilimitado às informações rapidamente. Segundo Moran (2015),

Os métodos tradicionais, que privilegiam a transmissão de informações pelos professores, faziam sentido quando o acesso à informação era difícil. Com a Internet e a divulgação aberta de muitos cursos e materiais, podemos aprender em qualquer lugar, a qualquer hora e com muitas pessoas diferentes (Moran, 2015, p. 16).

No entanto, esta discussão centra-se nos usos e nos processos de inclusão de determinadas tecnologias por um público situado fora da categoria dos chamados “nativos digitais” (Prensky, 2001). Ainda que o termo seja alvo de críticas e questionamentos, ele se refere, de modo geral, às pessoas nascidas após a ascensão da era digital, especialmente a partir da década de 1990. Dentro dessa conceituação, consolidam-se estigmas que opõem a população idosa às tecnologias emergentes, frequentemente traduzidos na ideia de um antagonismo entre “pessoas envelhecidas” e “novas tecnologias”.

De um lado, os avanços científicos têm contribuído significativamente para a ampliação da longevidade; por outro, ainda persistem desafios quanto à promoção da qualidade de vida na velhice, sobretudo ao considerarem as limitações psíquicas, emocionais, físicas, sociais e culturais que incidem sobre esse grupo. Entre essas limitações, destacamos a relação com o universo digital, já que, de modo geral, os usuários idosos apresentam “dificuldades de acesso às novas técnicas e teorizações” (Silveira *et al.*, 2010, p. 5). Contudo, essa condição não implica a exclusão dos sujeitos de tais recursos, uma vez que muitos deles se apropriam das tecnologias digitais de formas diversas e criativas.

De Oliveira e Garcia (2021) apresentam um estudo que evidencia as tecnologias no contexto da terceira idade. A pesquisa, realizada no âmbito das aulas de inglês oferecidas pela UNATI da Faculdade de Ciências e Letras de Assis (FCLAs/UNESP), revela que os participantes idosos utilizam recorrentemente o telefone celular como ferramenta de apoio às atividades cotidianas, à comunicação interpessoal e ao desenvolvimento pessoal. O uso intensivo desse dispositivo, conforme apontado pelos autores, demonstra que os idosos envolvidos no estudo acessam informações de maneira constante e dinâmica, tendo-as, metaforicamente, “na palma da mão”. Por meio dos aplicativos instalados no celular, esses sujeitos ampliam suas formas de interação social e expressão, utilizando-os tanto para manter contato com pessoas distantes quanto para criar e compartilhar conteúdos nas redes sociais.

Há mais de 10 anos já era reconhecida a importância das mídias e redes sociais virtuais para a TI, já que “a tendência é que os sujeitos com mais de 60 anos procurem cada vez mais o espaço da rede virtual para conhecimento, diversão e novas sociabilidades” (Panda Security, 2011, s/p.). E, nesse sentido, há efeitos subjetivos para além do simples entretenimento, assim como apontam Almeida, Rocha e Correia. (2020),

As mídias sociais trazem benefícios para todos e principalmente para a terceira idade. São como um exercício de memória, que aumenta a autoestima. A Internet não tem idade e alcança inúmeros públicos; deixou de ser apenas uma rede de pesquisas e passou a fazer parte diretamente da vida das pessoas, anulando barreiras estabelecidas pela própria sociedade (Almeida; Rocha; Correia, 2020, p. 159).

A pesquisa maior deste trabalho foi realizada durante o período pandêmico e, ao trazer para tal momento histórico, alguns autores (Barnaski; Healy; Goldberg, 2020; Banskota *et al.*, 2021) refletiram sobre o aumento significativo do uso das TDIC na TI naquele período. Ou seja, além das demandas de combate ao vírus, os idosos precisaram lidar com a adaptação aos meios digitais para integração e realização de tarefas que, antes, no período pré-pandêmico, podiam ser efetuadas sem o uso delas, como, por exemplo, ações bancárias, compras, etc.

O perigo letal do vírus, não foi o único mal que assolou essa parcela da sociedade. Alguns autores (Bispo, 2016; Dias; Serra, 2018; Faísca *et al.*, 2019) discutem a solidão dos idosos como fator significativo anterior à pandemia e, dessa forma, compreendemos que a solidão foi ressaltada durante esse período. A solidão, depressão e exclusão social são fatores que atingem robustamente a população idosa na sociedade contemporânea (Faísca *et al.*, 2019). Mori (2019, p. 37) elucida que “a solidão é uma experiência inerente à vulnerabilidade humana, e todos nós já nos deparamos com esse sentimento em algum momento da vida, porém é na velhice que os seus efeitos podem ser mais graves, e mesmo devastadores”. Ao concordarmos com os autores, promovemos um espaço ativo de inclusão e integração dos idosos em contextos que lhes proporcionaram vínculos sociais, principalmente, nos anos pandêmicos. Assim, sugerimos o Projeto Teletandem como espaço virtual e educativo para a promoção de intercâmbio linguístico e cultural e que possui potencial para tais vincularidades. O trabalho que aqui se apresenta está inserido no contexto de adaptação das tecnologias na TI durante o período pandêmico. Assim, é importante discutir tais questões, visto que aparecerão, inevitavelmente, nos relatos adiante.

## 2 Contextualizando a pesquisa

Para a elaboração da pesquisa, contamos com os relatos de três participantes que se dispuseram a fazer interações em Teletandem e a participarem da pesquisa<sup>4</sup>. Ressaltamos que as participantes são professoras aposentadas e foram alunas de LEs (inglês e espanhol) da UNATI previamente e, para privar as identidades, as citamos como: “Participante 1” (73 anos), “Participante 2” (80 anos) e “Participante 3” (77 anos)<sup>5</sup>.

As interações ocorreram em dois grupos, sendo: a) Grupo 1: Parceria entre FCL UNESP Assis e *Georgetown University* (Estados Unidos da América), no 1º semestre de 2020, com a Participante 1 (português x inglês) e Participante 2 (português x espanhol) e b) Grupo 2: Parceria entre FCL UNESP Assis e *Universidad del Caribe* (México), no 1º semestre de 2021, com as Participantes 2 e 3 (português x espanhol).

---

<sup>4</sup> A pesquisa foi devidamente submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da universidade na qual foi implementada.

<sup>5</sup> Informações mais aprofundadas das participantes podem ser encontradas na dissertação da qual este trabalho se refere.



Os dados foram analisados pela perspectiva da pesquisa narrativa (Clandinin; Connally, 2015) de cunho qualitativo (Lüdke; André, 2013). Para Sataka (2019, p. 24), a Pesquisa Narrativa

fundamenta-se na experiência educacional, considerando-se aspectos espaciais, temporais, sociais e individuais, que dão sentido às ações e às práticas. Trata-se de um método e um fenômeno, concomitantemente, já que pesquisar narrativamente também é uma experiência narrativa. Essa metodologia, assim, propõe um movimento colaborativo entre participantes e pesquisador de (re)contar e (re)reviver as histórias de experiências de vida.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa na modalidade narrativa, focalizamos nossa coleta de dados por meio de: a) gravações das mediações, b) mensagens de voz via *WhatsApp* e c) entrevista com as alunas participantes sobre suas histórias de vida e, mais especificamente neste trabalho, suas vivências e olhares sobre as tecnologias. Dessa forma, todos os instrumentos puderam auxiliar na análise da pesquisa com narrativas e na construção das histórias.

Apresentados e discutidos ambos os temas-chave (Teletandem e UNATI/Envelhecimento) e a metodologia de coleta e análise, passamos para as ações iniciais e os relatos das participantes.

### 3 Ações iniciais

Inicialmente, ao se tratar de um grupo piloto, convidamos, individualmente pelo *WhatsApp*, duas alunas do curso de Língua Inglesa da UNATI. Vale informar que optamos por selecionar alunas do grupo avançado, visto que não focalizamos questões linguísticas e/ou progresso na aprendizagem, mas sim a forma pela qual o Teletandem se desenharia como contexto de investigação das histórias vividas pelas participantes. Após o aceite, criamos um grupo no *WhatsApp* chamado “Unati x Teletandem” no dia 28 de maio de 2020 para facilitar a comunicação entre nós.

O pesquisador e autor deste trabalho, ficou responsável por toda logística do grupo. Assim, as primeiras mensagens enviadas foram: um áudio com orientações sobre o Teletandem e o seu funcionamento; e também os *links* das inscrições, ou seja, as alunas da TI passaram por todas as etapas que os demais participantes do projeto Teletandem (geralmente, jovens universitários).

Após as orientações, as alunas conseguiram inscrever-se nos formulários e suas vagas foram aceitas. No entanto, deparamo-nos com o primeiro problema que seria a plataforma onde ocorreriam as interações – o *ZOOM*. Ressaltamos que enquanto Teletandem Autônomo na pandemia, todos os interagentes fizeram os encontros de suas próprias casas e com seus próprios instrumentos. Caso contrário, se ocorresse no laboratório institucional, os participantes não se preocupariam com os aparelhos tecnológicos, pois o responsável pelo grupo já prepararia o ambiente para uma experiência que amenizasse os obstáculos com a tecnologia.

Para atenuar a situação, o pesquisador buscou meios, à distância, para sanar as dúvidas com relação à ferramenta. Dado o isolamento social, não pôde se encontrar com as alunas para orientá-las presencialmente. Assim, testou alternativas para isso. A primeira estratégia adotada foi a ligação de voz para indicar os passos de como usar a ferramenta, entretanto, as alunas não tinham o aplicativo instalado em seus celulares.

Dessa forma, o processo instrutivo iniciou desde indicar os campos do celular que baixam o aplicativo, ou seja, a *Play Store* e a *Apple Store*. Neste caso, relatamos que as ligações somente por áudio não tiveram muito sucesso e, assim, elaboramos



tutoriais em forma de vídeos e *prints* explicando, detalhadamente, os passos a serem seguidos, como mostram as figuras abaixo que contém o início desse processo.

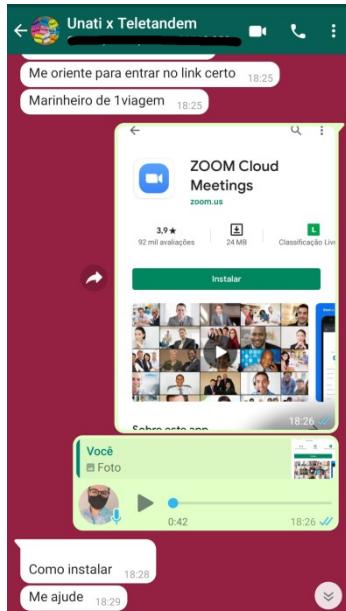


Figura 1: Primeiras orientações (1)

(De Oliveira, 2022, p. 85).



Figura 2: Primeiras orientações (2)

(De Oliveira, 2022, p. 85).

O processo foi demasiadamente difícil, as alunas se sentiram frustradas ao não conseguirem baixar o aplicativo e, quando conseguiram, não sabiam como efetuar o cadastro para que ele funcionasse corretamente. Nessa fase, a Participante 1 quis desistir da experiência e enviou a seguinte mensagem: “Teacher, se eu não conseguir comigo, creio que o [nome de um colega] o fará muito bem... não posso te atrapalhar, amigo!” (2 de junho de 2020 às 13h37 via WhatsApp), e então compreendemos, naquele momento, que o processo sensível das narrativas se iniciaria antes das interações. A TI pode demandar acolhimento, empatia e paciência com relação às tecnologias. Dessa forma, respondemos, em áudio, acalmando-a e explicando que esse movimento faz parte do processo e sugerindo que ela não deixasse a experiência.

Compreendemos que os idosos são bombardeados por críticas e represálias ao tentarem incluírem-se em atividades consideradas “não apropriadas” para eles. O ageismo colabora para que os idosos não se sintam pertencentes às ocupações que, majoritariamente, são destinadas às pessoas mais jovens, como as tecnologias para além do uso básico, ainda mais no tempo histórico descrito (Barnaski *et al.*, 2021; Banskota; Healy; Goldberg, 2020). Dessa forma é comprensível a resposta dada pela participante, no entanto, aqui, encorajamos as alunas a tomarem lugar no mundo digital e usá-lo como ferramenta de vínculo pessoal e de ensino/aprendizagem de LEs.

Nessa fase que precede o início das interações e com a dificuldade das alunas, mesmo com as instruções, outras pessoas foram acionadas para auxiliá-las nesse processo. Por relatos via ligação telefônica e mensagens escritas, a Participante 1 contou que teve auxílio da recepcionista de uma clínica médica a qual ela frequentava, já que sua filha, familiar mais próxima, vivia em outra cidade e, a Participante 2, pediu auxílio a uma vizinha do bairro que, coincidentemente, foi sua aluna na educação básica. Vale ressaltar que a Participante 2 vive com sua mãe, também idosa, e outros familiares não moram na mesma região.

Isso nos revela que o distanciamento social durante a pandemia reforçou a solidão na TI, item que exploraremos mais adiante. As participantes foram auxiliadas por pessoas de convívio externo e de pouco vínculo em contextos, que embora próximos, necessitavam de um deslocamento. Nesse caso, consideramos que uma nova rede de apoio se iniciou a partir da busca das participantes por ajuda, fisicamente, mais próximas.

Já no segundo grupo, com as participantes 2 e 3, o processo de organização foi facilitado, pois, a plataforma sugerida pela Universidade Estrangeira foi o *Google Meet*. Assim, os alunos estrangeiros mandavam os *links* de acesso e as alunas idosas conseguiam realizar as interações normalmente. Esse aplicativo se mostrou mais acessível no uso e cumpria, sem complicações, o que era proposto.

Nesse grupo, a Participante 2 já conhecia as esquematizações do projeto e então nosso trabalho foi focalizado na Participante 3, que não apresentou muitas dificuldades no acesso, embora precisasse de suporte em alguns momentos. Ressaltamos que em ambos os grupos, os alunos, tanto da TI quanto os jovens estrangeiros, participaram da sessão de orientação proposta pelos responsáveis dos grupos via *ZOOM* (primeiro grupo) e *Google Meet* (segundo grupo). Assim os alunos podiam, em conjunto e sincronicamente, conhecer mais do projeto, seu funcionamento, além de tirar dúvidas com relação às ações telecolaborativas.

Após todas essas etapas, as participantes tiveram seus aparelhos munidos do aplicativo e puderam realizar as sessões normalmente. Adiante, apresentaremos os relatos das participantes após as sessões de Teletandem.

#### 4 Narrativas sobre tecnologias na velhice: Teletandem como espaço de vivências

Como já discutido neste trabalho, existe um grande estigma sobre os idosos e suas relações com as tecnologias. Assim, esse item almeja expor trechos nos quais as TDIC aparecem como temas transversais nas experiências das alunas da TI e que sugerem ter impactado suas vivências por meio das sessões telecolaborativas.

Abordamos questões que envolvem as tecnologias, perguntamos às alunas sobre o uso da plataforma na qual realizaram os encontros. O interesse se deu ao compreender se houve alguma diferença do grupo I (no caso da Participante 2) e/ou problemas (ambas as participantes), como apresentam os Excertos 1 e 2.

Pesquisador	Como você já teve a experiência (em Teletandem), você acha que o <i>Meet</i> foi melhor que o <i>ZOOM</i> ?
Participante 2	O <i>Meet</i> é mais fácil na hora de colocar som. O <i>ZOOM</i> eu consegui colocar o som, mas deu um pouquinho mais de trabalho. A minha sorte foi uma ex-aluna que mora um quarteirão pra baixo que me auxiliou, inclusive a primeira interação eu fiz da casa junto com ela.
Pesquisador	Pra dar tudo certo, né? Eu lembro que ela te ajudou.
Participante 2	É... mas o <i>Meet</i> foi mais fácil para o som... pra tudo.

Exerto 1. Mediação via *Google Meet*, 20/04/2021.

Pesquisador	Você teve algum problema com o celular? O <i>Meet</i> ou o som? Ou entrou certinho?
Participante 3	Não, não tive problema. Entrei certinho.

Excerto 2. Mediação via *Google Meet*, 20/04/2021.

Os excertos acima demonstram, com clareza, que o uso do *Google Meet* rendeu uma interação ainda mais positiva quando comparado ao *ZOOM*. Dessa forma, comprehendo que o *Google Meet* seja, dentre as opções possíveis no momento, a melhor plataforma para as interações devido a sua usabilidade das ferramentas, assim como demonstram a Participante 2 (que já tinha parâmetros comparativos) e a Participante 3 (sendo a primeira experiência).

Ainda no Excerto 1, um ponto que atraiu a nossa atenção foi a história da primeira interação da Participante 2 (ainda no grupo I quando usavam o *ZOOM*). Como já citado, as alunas receberam orientações tecnológicas online do pesquisador em ambos os grupos. No entanto, as participantes necessitaram de apoio presencial (no primeiro grupo) e, com isso, ressaltamos duas questões: a) a importância de suporte tecnológicos para a TI e b) o que chamaremos de “solidão indireta”.

Com as orientações pré-encontros, as alunas puderam tirar as dúvidas sobre a plataforma e sobre os recursos digitais, bem como testá-los para evitar possíveis conflitos durante a interação. Com os dados, os quais apresentam sucesso com relação ao uso, podemos compreender a importância desses cuidados com as alunas da TI.

Já o segundo ponto, aqui denominado como “solidão indireta”, está relacionado à vivência da participante 2. Embora conviva com sua mãe na mesma casa, necessitou do amparo e da benevolência de pessoas externas, para auxiliá-la no processo. A idosa buscou ajuda de uma pessoa que não era próxima, pois, como a mesma retrata, ela é uma “ex-aluna” que morava em seu bairro e não uma “amiga”. Durante a entrevista, a Participante 2 teve a oportunidade de contar, com mais detalhes, sobre esse momento em questão.

Pesquisador	Mas antes de começar teve toda aquela história de baixar o <i>ZOOM</i> , lembra?
Participante 2	Ah! E como foi aquilo! (voz de pesar), mas depois você foi falando, minha vizinha também ajudou, ai eu consegui fazer...
Pesquisador	E como foi isso? A vizinha te ajudou, né? Você foi lá pedir pra ela?
Participante 2	Teve um dia que eu tive que ir lá, pois eu não tinha internet na minha casa... um dia eu usei da [nome da uma loja], depois perguntei pra um outro vizinho que também disse que não sabia como conectar. Aí a mulher do meu vizinho disse que tinha uma menina ali perto que dava aula de internet, aí eu fui lá e ela disse: “Olá, Dona [nome da participante]! me esqueceu?”. Eu já não lembrava dela pois eles eram muito pequeninhos... muita gente passou pela minha mão. Aí ela me orientou... depois meu neto chegou e colocou a internet... começou por causa do Teletandem. Aí eu comecei a mexer mais na internet... a mexer aqui, ali... aprender como saía... depois na segunda vez já foi mais fácil. Depois foi pelo <i>Meet</i> que foi bem mais fácil.

Pesquisador	Eu lembro que eu ligava pra vocês pra dar orientação também.
Participante 2	É... e foi bem difícil!

Excerto 3. Entrevista oral individual, 21/09/2021.

O excerto acima demonstra que houve dificuldade e obstáculos encontrados pela Participante 2 ao iniciar o processo da sua relação com a internet. Ressaltamos o fato de a aluna não possuir rede de internet *Wireless Fidelity (Wi-Fi)* em sua casa antes das interações, o que foi mais um dificultador para o início do processo. Embora a aluna tivesse internet por meio de dados móveis (rede de internet oferecida pelas companhias telefônicas para dispositivos móveis), compreendemos que o *Wi-Fi* pode oferecer uma conexão mais estável para transmissões online, como na telecolaboração.

Chamo a atenção para que, além do pesquisador, outras cinco pessoas foram acionadas para auxiliar a Participante 2 com sua conexão com a internet, sendo: a dona da loja, o vizinho, a esposa do vizinho (ambos idosos)<sup>6</sup>, a ex-aluna e o neto, que não mora com a avó, mas a auxiliou com a instalação da internet. Nesse sentido, algo que, comumente, poderia ser facilmente resolvido, demandou um esforço maior da participante.

Ao considerarmos o contexto histórico sem precedentes e as orientações da Organização Mundial da Saúde sobre o isolamento social, compreendemos o termo “solidão indireta”<sup>7</sup> ao relacionar as pessoas que moram na mesma casa. É injusto dizer que a participante é solitária, já que a presença de sua mãe é considerada e estimada, entretanto, justificamos o termo adotado devido à situação da aluna que, fisicamente, não estava sozinha, mas sozinha se encontrou quando necessitou de apoio rápido no suporte tecnológico. Ela precisou, então, ampliar sua rede de apoio, fora da sua casa, para romper com tal solidão para a finalidade supracitada. Isto é, louvamos a agência da idosa em superar os obstáculos e buscar recursos para a participação.

Entendemos que se trata somente de uma amostra e que não podemos generalizar que todos os alunos idosos passariam ou passarão pela solidão indireta. Entretanto, ressaltamos que a solidão é um dos maiores problemas encontrados na velhice, como apontam alguns autores (Bispo, 2016; Dias; Serra, 2018; Faísca *et al*, 2019; Mori, 2019), assim não podemos negligenciar essa etapa importante da realização da pesquisa.

Além do contato com os sujeitos que a auxiliaram e colaboraram na ampliação da sua rede de apoio, a própria interação em Teletandem corroborou para o rompimento da solidão indireta, assim como retrata o feedback dado pela aluna idosa.

Participante 2	Foi muito importante nesse período de pandemia porque eu me sentia muito sozinha. A espera de chegar o dia de conversar, de ficar pensando, orientando como seria a minha aula com ela [...] Aqui na minha cabeça funcionou num sentido de esquecer completamente dos perigos e ficar centrada somente no que eu iria passar.
----------------	---

Excerto 4, Áudio no WhatsApp, 10/09/2020.

<sup>6</sup> Tal informação se dá devido ao conhecimento do pesquisador sobre o “vizinho” que, inclusive, foi aluno no ano de 2019 na UNATI. Em 2021, ele foi uma das fatalidades do coronavírus.

<sup>7</sup> Ressalto que esse termo não é encontrado na literatura da educação ou nos estudos gerontológicos, sendo utilizado neste trabalho somente para demonstrar a situação de solidão no caso de fins específicos.



Dado o exposto, retomamos o ponto no qual a participante idosa teve apoio de outrem. Notamos, no relato, que houve um impacto positivo das interações para que ela não se sentisse só, levando em consideração, novamente, a pandemia. Já que as interações ocorreram em sua própria casa, é como se a idosa estivesse esperando uma visita e se preparava, ansiosamente, para ela. Ou seja, desviava a atenção da temática negativa do vírus.

Além da experiência da Participante 2, a Participante 3 também precisou de suporte. Entretanto, para entendermos o contexto dela, traremos as relações da Participante 3 com as tecnologias. Durante a conversa/intervista, a aluna resgata uma memória do tempo que estava lecionando no ensino básico público.

Participante 3	Quando eu cheguei e vi aquele <i>DataShow</i> , que eles tinham comprado, eu falei “eu não vou saber mexer com isso aí” e saí.
----------------	--

Excerto 5. Entrevista oral individual, 28/10/2021.

A Participante 3 lecionou, por várias décadas, no ensino básico público, principalmente na cidade de Assis e sua saída se deu justamente pela entrada das tecnologias digitais na sala de aula, como aponta o excerto 5. Em meados de 2009, ela decide deixar a sua carreira devido à instrumentalização tecnológica da educação. No Brasil, existiu um movimento de incluir as tecnologias na educação e, depois de alguns anos, a pensar em como isso afetaria a formação de professores (Rojo, 2013). Entretanto, a partir do relato, notamos que a participante não teve a oportunidade de participar de uma orientação para realizar as atividades com as ferramentas digitais, além do agravante de não ter tido essa formação específica devido ao tempo em que a aluna se graduou.

Entendemos que os professores, atualmente, conseguem manusear os instrumentos digitais, mas com poucas ações deveras significativas, justamente pela falta de uma discussão sobre a Alfabetização midiática e a Cultura Digital (Bonilla; Pretto, 2015; Spinelli; Santo, 2020), ou seja, há técnica mas pouco incentivo ao uso crítico das tecnologias. Ressaltamos que não desconsideramos as inúmeras iniciativas de educação digital e projetos que contemplam um ensino significativo mediado pelas TDIC, mas encorajamos que a formação de professores para a era tecnológica seja amplamente proporcionada em território nacional de forma crítica. Seguimos com a problematização da dificuldade com a técnica das ferramentas tecnológicas e então, esbarramos, novamente, com a questão da solidão indireta.

Pesquisador	Olha só, o que fez você sair da escola, que foi as tecnologias, foi a mesma coisa que fez você voltar a estudar na pandemia...
Participante 3	Sim! Foi...
Pesquisador	Você já tinha feito videochamada? com a família?
Participante 3	Não!
Pesquisador	E como foi aprender?
Participante 3	Foi difícil... só aprendi com as suas orientações... não tinha ninguém pra me orientar, meu marido sabe menos que eu (risos)

Excerto 6. Entrevista oral individual, 28/10/2021.



O fato da motivação da desistência de carreira da Participante 3 ter sido a inserção das TDIC na sua rotina, foi o mesmo fator que a fez reatar sua relação com as suas atividades durante o período pandêmico. Supomos que a desistência possa ter gerado uma certa frustração ou sentimento de impotência, dessa forma, instigamos a aluna a discorrer sobre sua vivência no retorno ao confronto com a tecnologia.

Nesse primeiro momento, a aluna não expande sua justificativa, entretanto, reconhece a importância das orientações dadas pelo pesquisador, já que ele identifica a importância de se ensinar sobre as tecnologias. Dessa forma, concordo com Müller (2012, p. 20) que diz que “a aprendizagem sobre as tecnologias também pode ajudar na habilidade de resolução de problemas e auxiliar os idosos na adaptação às mudanças que ocorrem nessa fase da vida”.

Outro ponto interessante nesse excerto, foi a frase “não tinha ninguém pra me orientar, meu marido sabe menos que eu”, ao ser justamente um exemplo sobre a solidão indireta retratada anteriormente. Aqui, notamos que a aluna tem a companhia de outra pessoa (o marido, também idoso), mas se encontra sozinha, fisicamente, quando necessita de ajuda sobre algo específico (no caso das tecnologias). Destacamos que a participante não possuía uma rede de apoio presencial e nem à distância para auxiliá-la no suporte. Embora tenha filhos que não moram na mesma cidade que ela (conhecimento pessoal do pesquisador), não há dados de que a idosa os tenha acionado, pelo contrário, ela relata ter aprendido somente com as orientações do Pesquisador e a própria prática.

Nesse ponto, ao comparar ambas as histórias, percebemos que a participante 2 esteve em um contexto mais privilegiado que, mesmo com as dificuldades, tinha pessoas as quais pôde recorrer para auxiliá-la, ao contrário da participante 3 que somente usufruiu das orientações dadas pelo pesquisador. Diante do exposto, reconhecemos a importância da assistência tecnológica às alunas idosas para o bom andamento das interações.

Dado o exposto do período pré-interação, analisaremos, nos excertos seguintes, alguns efeitos do Teletandem para o avanço e progresso com o uso das tecnologias pós-interações.

Pesquisador	Eu agradeço imensamente por vocês participarem da minha pesquisa (interrompido pela participante 2).
Participante 2	Magina! Você que deu essa oportunidade da gente interagir com outras pessoas, de conhecer outras coisas e de praticar a língua, você que trouxe a oportunidade... inclusive de começar a mexer no celular, eu fiquei mais aberta pra mexer e pra treinar no celular.
Participante 3	É verdade! Ajudou mesmo! E agora a gente tá tendo aula da UNATI através do <i>Google Meet</i> ... do <i>Google Classroom</i> ... então a gente já estava meio familiarizado.

Exerto 7. Mediação via *Google Meet*, 18/05/2021.

Anteriormente, discutimos sobre as dificuldades que as alunas encontraram quando se depararam com o uso das TDIC para realizarem as interações virtuais. Compreendo que isso faz parte do processo devido a algumas limitações ao acesso das teorizações tecnológicas (Silveira *et al.*, 2010). Com o passar das interações e mediações descritas aqui, notamos que as alunas foram, gradualmente, se familiarizando e aprofundando no uso de algumas ferramentas que elas já conheciam.

Tal fato é exposto pela participante 2 e confirmado pela participante 3 na mesma mediação. O pesquisador, ao agradecer pela participação das alunas por ser o último encontro, notou uma ansiedade das participantes ao dar um rápido *feedback* geral. Nesse momento, a aluna comentou sobre o aprimoramento com as tecnologias advindo das interações: estar “mais aberta pra mexer e pra treinar no celular”, demonstra uma quebra de paradigma das “novas tecnologias *versus* velhas pessoas” ou do “meme” “idosos confusos com a tecnologia”, sendo bastante importante, principalmente em uma sociedade que não considera a relação positiva entre esses dois pólos.

Na mesma mediação, a participante 3 complementa sobre a familiarização com as ferramentas em outros contextos, como na volta da oficina da UNATI remotamente. A experiência em Teletandem proporcionou às alunas, também, o enfrentamento aos tabus impostos socialmente, a adaptação do tempo cognitivo (Porto, 2017) com as plataformas utilizadas e a aprendizagem digital que será aplicada em diversos contextos nos quais elas serão (e já são) protagonistas dos seus próprios processos de aprendizagem.

Dado o exposto, concluímos esse ponto temático com mais dois excertos que apresentam o impacto das ações telecolaborativas na rotina tecnológica das participantes. De início, temos um excerto da participante 2 e, adiante, um excerto da participante 3.

Participante 2	Eu aprendi a usar o celular melhor conversando com você devido aos programas do Teletandem em 2020...
----------------	---

Excerto 8. Entrevista oral individual, 21/09/2021.

Durante a entrevista, a aluna reconhece a interferência e o impacto que o Teletandem promoveu na sua rotina no âmbito tecnológico e, anteriormente, no âmbito pessoal. A mesma participante já havia dito inúmeras vezes sobre se sentir mais “aberta” para lidar com as tecnologias, até mesmo incluí-la, efetivamente, em sua casa, pois, ela não possuía rede de *Wi-Fi* e passou a ter para poder realizar os encontros.

Além disso, em 2021, as oficinas da UNATI na FCLAs UNESP começaram a ser oferecidas remotamente. Depois de mais de um ano e meio sem as atividades, as alunas puderam acompanhar seus cursos mediados pelas tecnologias, assim como relata a participante 3.

Participante 3	Agora as atividades voltaram online e tá tudo dando certo... tô dominando! O Teletandem me ajudou até nisso. Pois aí você explicou pra gente como é que era... primeiro foi pelo <i>ZOOM</i> , que era mais difícil e depois nós passamos pelo <i>Meet</i> , foi muito bom. Eu achava que eu não era capaz de fazer isso (usar o celular). Eu achava que eu não tinha capacidade... foi um ganho muito grande... ainda mais falar espanhol, conhecer alguém de longe. (...) Ela (a professora voluntária da UNATI) manda a matéria pelo <i>Google Classroom</i> ... e depois pelo <i>Meet!</i> É muito fácil... eu já tinha conhecimento por causa do Teletandem... Teve gente que perguntou, ela teve que explicar... mas eu já entrei de cara! E mesmo se eu tivesse que aprender tudo, eu entraria mesmo assim, eu dava um jeito...
----------------	--

Excerto 9. Entrevista oral individual, 28/10/2021.



A Participante 3, durante a entrevista, ressalta o impacto da participação no projeto Teletandem em suas atividades “unatianas” na modalidade remota. De início, percebemos que aquela frustração com as tecnologias de sua época docente volta a se concretizar. Como exemplo disso temos o trecho: “Eu achava que eu não era capaz de fazer isso. Eu achava que eu não tinha capacidade...”. Embora a insegurança tivesse sido instaurada na participante, ela encara o desafio e, por fim, reconhece o saldo positivo após a experiência. Além de se desenvolver tecnologicamente, a aluna ainda diz sobre a prática da língua espanhola e o contato cultural.

Outro ponto relevante desse excerto é o fato da aluna sentir-se confiante para acompanhar as aulas oferecidas nos cursos de LEs da UNATI. Como já explicitado, em 2021 as oficinas foram realizadas remotamente<sup>8</sup> e ela, em nenhum momento, manifestou receio pela mudança de modalidade, pelo contrário, a participante estava “dominando”.

Por fim, ela narra “E mesmo se eu tivesse que aprender tudo, eu entraria mesmo assim, eu dava um jeito...”, ou seja, a UNATI ocupa uma posição essencial na vida de seus integrantes. A participante 3, com toda a sua insegurança tecnológica relatada antes das interações, estaria disposta a encarar suas travas para poder incluir-se nas atividades remotas. Assim como a Participante 2, ela buscava meios para alcançar o objetivo, demonstrando agência e autonomia.

A seguir, trazemos excertos inéditos e não inclusos na dissertação, por recorte metodológico, mas que contribuem para a discussão que aqui se coloca. Nos excertos 10 e 11, exploramos temáticas que envolvam outras plataformas digitais que transcendem o Teletandem, em que ele serviu como mediador e porta de entrada para novas ferramentas.

Participante 2	<p>Veio, no meu <i>facebook</i>, a carinha dele (parceiro de Teletandem) e eu falei pra ele “Você veio no meu <i>facebook</i>, eu posso te adicionar, você quer? você permite?” e ele disse “pode sim” e ele recebeu... aí eu falei “Já que você tá muito interessado, existem uns ‘apepês’ (<i>apps/ aplicativos</i>) que fala sobre o Brasil” (...) eu assisto quase todos os dias, vou ver se eu consigo mandar pra ele.</p>
----------------	---

Excerto 10. Mediação via *Google Meet*, 04/05/2021.

Participante 2	Fora da interação, depois, no sábado, euachei fotos de João Pessoa e mandei fotos das praias de João Pessoa e Vitória para ele ver a diferença.
Pesquisador	E no <i>WhatsApp</i> vocês conversam em português ou em espanhol?
Participante 2	Quando eu falei da minha cidade, eu falei em português e ele falou em português mas quando ele falou da cidade dele, ele falou em espanhol e eu falei em espanhol.

Excerto 11. Mediação via *Google Meet*, 04/05/2021.

<sup>8</sup> Houve uma transição, no início de 2022, das atividades virtuais da UNATI para o ensino presencial. No entanto, ressaltamos que durante esse período, os voluntários (alunos e funcionários da Unesp que oferecem as oficinas) puderam escolher entre as duas modalidades. A Unesp lançou uma nota oficial em março de 2022 que diz: “Em relação especialmente ao uso de máscara, a Universidade sustenta a posição que todas as pessoas devem seguir utilizando máscara nos campus e em todas as 24 unidades universitárias, independentemente de estarem em ambiente fechado ou aberto”. Dessa forma, os oficineiros que decidiram retomar suas atividades presenciais com os alunos idosos, permaneceram com o uso de máscaras em todas as dependências do câmpus.



Nesses excertos, por meio das interações em Teletandem, a aluna pôde explorar e relacionar outras plataformas como vias de manter contato com o seu parceiro fora do horário pré-estabelecido. Ao pedir para adicioná-lo no *Facebook*, além de notarmos a importância das redes sociais na TI (Almeida; Rocha; Correia, 2020), também percebemos que a aluna teve sucesso no pareamento e usaria desse espaço para se conectar e indicar “apepês” para ele, assim, eles poderiam, também, usar as tecnologias para o aprendizado em qualquer lugar e a qualquer momento (Moran, 2015).

Isso demonstra que a aluna já possui habilidade digital para lidar com essa rede social e mesmo que alguma função não seja conhecida, ela aparenta estar disposta a aprender: “...vou ver se eu consigo mandar pra ele”. Além disso, o *WhatsApp* retorna como plataforma trivial na comunicação, sendo dito pela aluna que eles se comunicam (mantendo a divisão das línguas) fora da interação e trocam mídias para complementar os assuntos discutidos previamente.

Assim, reforço a já inserção tecnológicas das alunas idosas desse grupo<sup>9</sup>, quebrando alguns estereótipos já discutidos neste trabalho. Ademais, é visto como característica da TI nas interações em Teletandem, os vínculos sócio-emocionais buscados por elas para com seus pares, já que aparecem inúmeras vezes nos dados a tentativa de aproximação contínua e menos superficial durante o período do projeto. Entretanto, não aprofundaremos no tema e tal discussão pode ser encontrada no trabalho maior em que este se refere.

Retomo e concluo esse item de análise ressaltando a importância de orientações tecnológicas para o público da TI, pois “Construir estratégias de abordagens educacionais para preparar pessoas idosas no domínio operacional dos recursos tecnológicos, gerar a alfabetização da nova linguagem que se faz presente em todos os setores da sociedade” (Alvarenga; Yassuda; Cachioni, 2019, p. 386).

Entendemos que existe um tempo diferente para essa parcela social ao desenvolver atividades digitais, mas com empatia e uma educação gerontológica adequada, podemos auxiliá-los a construir habilidades que os favoreçam. Dessa forma, de fato, alcançaremos uma inclusão digital eficiente e, consequentemente, a diminuição do ageísmo. Assim como Müller (2012, p. 20) ressalta que a “Inclusão digital pode ser uma forte ferramenta para o engajamento social dessa parcela da população, uma vez que, a dificuldade do manuseio de equipamentos digitais contribui para a desvalorização e consequentemente exclusão do idoso na nossa sociedade”.

## Considerações finais

Diante da análise apresentada, é possível afirmar que a relação entre idosos e tecnologias digitais ainda é atravessada por estigmas e desafios significativos, mas também por potências transformadoras. O estudo das experiências das participantes da TI envolvidas em interações mediadas pelas TDIC, especialmente no contexto do Teletandem, revelou um movimento de superação de obstáculos e de (re)construção de vínculos com o mundo digital.

As narrativas evidenciam que, embora o acesso inicial às tecnologias tenha sido permeado por dificuldades, a mediação cuidadosa e o suporte prestado foram fundamentais para a apropriação dessas ferramentas. A presença de figuras de apoio, tanto familiares quanto comunitárias, bem como a atuação ativa do pesquisador,

---

<sup>9</sup> Entendendo seus processos privilegiados de capital cultural.



demonstrou ser decisiva para garantir um processo de aprendizagem mais seguro e acolhedor.

Destacamos, nesse percurso, a noção de “solidão indireta”, aqui proposta para dar conta de uma condição vivida por alunas que, apesar de não estarem isoladas fisicamente, enfrentaram barreiras no uso das tecnologias por falta de apoio técnico no entorno imediato, mas com agência e autonomia, expandiram esse entorno e superaram as dificuldades. A proposta do termo não visa patologizar a experiência das participantes, mas sim ampliar o olhar para formas mais sutis e complexas de exclusão social e digital na velhice, além de incentivar o auxílio para qualquer situação requerida.

Ademais, as falas revelam que, ao longo do projeto, as alunas não somente passaram a dominar melhor os recursos digitais, como também conquistaram maior autonomia e confiança no uso dessas ferramentas. A familiaridade adquirida com plataformas como *ZOOM*, *Google Meet*, *Google Classroom*, *Facebook* e *WhatsApp* ilustra a expansão de suas presenças no mundo digital — algo que, para além da utilidade prática, ressignifica seu pertencimento social e simbólico em uma era digitalizada e hiperconectada.

As experiências vividas nesse processo também revelam como as tecnologias podem funcionar como mediadoras de vínculos afetivos e interculturais, promovendo não só o aprendizado de línguas estrangeiras, mas também o fortalecimento da autoestima, da comunicação e do senso de pertencimento. A trajetória da participante 3, por exemplo, ilustra esse movimento com potência: aquilo que motivou seu afastamento da vida profissional — o uso das tecnologias — foi também o que a reintegrou ao universo do aprendizado, agora em novos moldes e com novos significados.

Portanto, este trabalho reafirma a urgência de se promover formações contínuas, acessíveis e sensíveis à realidade da terceira idade, que considerem seus tempos cognitivos, suas trajetórias e suas potências. Enfrentar os estigmas que associam velhice à incapacidade tecnológica é não somente uma questão de inclusão digital, mas de justiça social e reconhecimento da pluralidade dos sujeitos idosos.

Por fim, a experiência do Teletandem, como instrumento educativo e afetivo, demonstrou ser um caminho promissor para a valorização das narrativas e das competências das pessoas idosas — reafirmando que nunca é tarde para aprender, ensinar e (re)conectar-se ao mundo.

## Referências

- ALMEIDA, A. C.; ROCHA, R. P.; CORREIA, E. Mídias sociais e terceira idade: influência na prática de atividade físicas e recreativas. *Caderno Intersaberes* - v. 9, n. 17 – 2020.
- ALVARENGA, G. M. O.; YASSUDA, M. S.; CACHIONI, M. Inclusão digital com tablets entre idosos: metodologia e impacto cognitivo. *psicologia, SAÚDE & DOENÇAS*, 20(2), 384-401 ISSN - 2182-8407. 2019.
- BANSKOTA, S.; HEALY, M.; GOLDBERG, E. M. 15 Smartphone Apps for Older Adults to Use While in Isolation During the COVID-19 Pandemic. *West J Emerg Med*. May; 21(3): 514–525. 2020.
- BARNASKI, M. R. O. et al. *Construção de um objeto de aprendizagem para o ensino de informática básica para a população idosa*. XXV Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão: Desafios da Ciência em tempos de pandemia. 2021.



BISPO, R. Tempos e silêncios em narrativas: etnografia da solidão e do envelhecimento nas margens do dizível. *Etnográfica*. v. 20, n. 2, 2016.

BONILLA, M. H. S.; PRETTO, N. de L. Política educativa e cultura digital: entre práticas escolares e práticas sociais. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 499-521, mai.-ago. 2015.

BUSTOS DÍAZ, J.; MARTIN-VICARIO, L. Alfabetización mediática en un mundo hiperconectado: de las redes sociales a la Inteligencia Artificial. *European Public & Social Innovation Review*, 9, p. 1–17. <https://doi.org/10.31637/epsir-2024-1241>. 2024.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. *Pesquisa narrativa*: experiências e história na pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2a ed. 2015.

DIAS, M. J. S; SERRA, J. Mulher, velhice e solidão: uma tríade contemporânea?. *Serv. Soc. & Saúde* Campinas, SP v. 17 n. 1 [25] p. 9-30 jan./jun. 2018.

DE OLIVEIRA, V. C. Encontros transculturais e histórias na Terceira Idade: Uma experiência em Teletandem, 187 p. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente/SP. 2022.

DE OLIVEIRA, V. C.; GARCIA, D. N. M. Universidade Aberta à Terceira Idade: iniciativas de uso das TDIC no ensino/aprendizagem de língua inglesa. In: *Tecnologias e metodologias ativas: (res)significando percursos educacionais* / Daniela Nogueira de Moraes Garcia, Paulo Alexandre Filho, Daniel Vieira Sant'Anna (Orgs.) - Marília: Oficina Universitária: São Paulo: Cultura Acadêmica. 2021. p. 135-158.

FAÍSCA, L. R. *et al.* Solidão e sintomatologia depressiva na velhice. *Aná. Psicológica* v.37, n. 2 Lisboa jun. 2019.

GEWEHR, D. *Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) na escola e em ambientes não escolares*. 2016. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ensino, Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, 16 dez. 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10737/1576>. Acesso em: 15 maio 2025.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. *E.P.U.*; 2<sup>a</sup> edição. 2013.

MORAES-CARUZZO, V. N. R. *O Ensino-Aprendizagem Remoto De Inglês Para A Terceira Idade Mediado Pelas Tecnologias Digitais*: parâmetros humanos e técnicos. Tese (doutorado em estudos linguísticos). Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, p. 325. 2023.

MORAN, J. Mudando a educação com metodologias ativas. [Coleção Mídias Contemporâneas. *Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania*: aproximações jovens. Vol. II] Carlos Alberto de Souza e Ofelia Elisa Torres Morales (org.), 2015.



MORI, G. M. Combate à solidão e ao isolamento social na velhice. Um caminho a ser trilhado. *Rev. Longeviver*, Ano I, n. 3, Jul/Ago/Set, São Paulo, 2019.

MÜLLER, D. *O envelhecimento e a inclusão digital de idosos*. Monografia (Pedagogia) - Universidade Regional Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. 2012.

PANDA SECURITY. *Internet em mãos seguras*. Disponível em:  
<http://protectyourfamily.pandasecurity.com/pt/>. Acesso em: 15 maio de 2025.

PORTO, M. A. R. *Tempo cognitivo e tempo social nas aulas de inglês para a envelhescência e terceira idade*. 2017. 116 f. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2017.

PRENSKY, M. Digital Natives, Digital Immigrants. *On the Horizon*. MCB University Press, v. 9, N. 5, October. 2001.

ROJO, R. (org). *Escola conectada: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola, 2013.

SATAKA, M. M. *Análise Do Aplicativo Duolingo Para Aprendizagem De Língua Espanhola: Uma Pesquisa Narrativa*. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) — Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara) — 2019 181 f.

SILVEIRA, M. M. et al. Educação e inclusão digital para idosos. Novas tecnologias na educação. *UFRGS*. v. 8, n. 2, julho, 2010. Disponível em  
<<https://www.seer.ufrgs.br/renote/article/view/15210>> Acesso em: 15 maio 2025.

SPINELLI, E. M.; SANTO. J. de A. Alfabetização midiática na era da desinformação, *ECCOM*, v. 11, n. 21, jan./jun. 2020.

TELLES, J. A. Learning foreign languages in teletandem: Resources and strategies. *D.E.L.T.A.*, v. 31, n.3, p. 603-632, 2015.

TELLES, J. A. *Teletandem e Transculturalidade na interação on-line em línguas estrangeiras por webcam*. Projeto de pesquisa financiado pela FAPESP, 2011.

TELLES, J. A. *Teletandem: um contexto virtual, autônomo e colaborativo para aprendizagem de línguas estrangeiras no século XXI*. Campinas, Pontes Editores/FAPESP, 2009.

TELLES, J. A. *Projeto Teletandem Brasil: Línguas Estrangeiras para Todos - Ensinando e Aprendendo línguas estrangeiras in-tandem via MSN Messenger*. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP. 2006.

VELHO. In: *DICIO, Dicionário Online de Português*. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/velho/>. Acesso em: 26/07/2025.